

# Para Fiesp, renegociação da dívida é indispensável

A renegociação da dívida externa com o sistema financeiro internacional é considerada indispensável pelos membros do Conselho Superior de Economia, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. "Na verdade, os credores não têm muita opção", diz o presidente da entidade, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho.

A proposta do conselho é a de não se fazer a transferência real de renda, mas somente a diferença entre o saldo líquido da balança comercial e os serviços (royalties por exemplo), excluindo o serviço da dívida, e o que exceder esse saldo deve ser capitalizado e pago daqui a cinco anos. Essa fórmula, aplicada para este ano, transferiria US\$ 7 bilhões e não US\$ 11 bilhões como no cálculo atual, "e o País não remeteria ao Exterior sua renda interna", diz Vidigal.

Ele lembra que já existe a aceitação, por parte da comunidade financeira internacional, de carência pelos devedores para pagar os juros e acrescentou que os bancos europeus já contabilizam o Brasil como prejuízo, "o que reforça tremendamente o trunfo daqueles que defendem a renegociação".

Essa posição está ligada a outro tema debatido ontem pelo conselho: a liberação parcial das importações pro-

posta pelo governo. Para Vidigal, é "absolutamente arriscado, não só para a indústria mas também para a balança comercial, perder todo o esforço feito nos últimos três anos de substituição de importação".

Além disso, voltou-se a discutir a questão da reativação da economia. Nesse ponto, o Conselho concluiu novamente que o crescimento da produção industrial registrado este ano deve-se quase exclusivamente à exportação, já que o comércio e a agricultura não tiveram igual desempenho. Vidigal admite, porém, que reflexos do crescimento poderão ocorrer no mercado interno de forma lenta.

## INFLAÇÃO

O presidente da Fiesp reconhece que a indústria teve um peso maior este mês sobre a inflação de 8,9%. Lembra que a indústria influiu pouco no índice inflacionário, nos últimos 12 meses, tanto que seus preços subiram, em média, 170%, contra 235% da inflação. Em maio, porém, admite que o peso tenha aumentado para 12% contra 7% nos meses anteriores. As razões dessa influência maior na inflação, na sua opinião, são: o acréscimo de 30% no preço das chapas de aço em abril; os dissídios dos metalúrgicos e o aumento do salário mínimo.